

“O CERTO SERIA FALAR SÓ EM XERENTE MESMO, SEM MISTURAR”: ATITUDES DE JOVENS AKWÊ EM RELAÇÃO AO CODE-SWITCHING*

Rodrigo Mesquita**

Julia Izabelle da Silva***

Resumo: Este estudo faz uma análise das atitudes e das percepções que jovens indígenas da etnia Akwê-Xerente mantêm a respeito das formas de contato linguístico português-xerente. Especificamente, discute-se o modo como o grupo avalia o fenômeno do *code-switching*. Para a geração dos dados, foram utilizadas técnicas de entrevistas semiestruturadas e em profundidade e observações participantes em contextos naturais de interação. Os resultados revelaram uma atitude negativa do grupo tanto em relação ao *code-switching* quanto em relação a outros fenômenos de contato linguístico, tais como os empréstimos. O rechaço às formas do contato indicaram sentimentos de solidariedade e lealdade à língua e identidade étnica Akwê-Xerente.

Palavras-chave: Avaliação. Fenômenos de contato. *Code-switching*.

INTRODUÇÃO

Code-switching (doravante CS) nomeia um fenômeno de contato definido como “o uso alternado de dois ou mais códigos por indivíduos bilíngues numa mesma interação conversacional” (GROSJEAN, 1982, p. 145-146). Estudos sobre CS, pela própria natureza do fenômeno, foram tratados como uma alternativa ao tratamento da variação, ou seja, como algo que merecia uma abordagem à parte. Labov (2008, p. 221), por exemplo, coloca como uma opção da análise formal da variação a consideração de “que as variantes pertencem a dois sistemas diferentes, e que a alternância é um exemplo de

* Este artigo faz parte do Projeto Liba: línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção: documentação (análise e descrição) e tipologias sociolinguísticas e do Grupo de Educação e Línguas Indígenas da Universidade Federal de Goiás (UFG), coordenados por Sílvia Lucia Bigonjal Braggio.

** Universidade Federal de Roraima (UFRR) – Boa Vista – RR – Brasil. E-mail: rodrigomesquitago@hotmail.com

*** Universidade Federal de Santa Cararina (Ufsc) – Florianópolis – SC – Brasil. E-mail: juliaisilva27@gmail.com

mistura dialetal ou *alternância de código*". Entretanto, embora indivíduos e grupos possam avaliar de modos diferentes esse fenômeno do contato linguístico, são escassas as pesquisas que se dedicam a compreender as atitudes linguísticas e os significados sociais atribuídos ao *code-switching*.

Neste estudo, apresentamos uma discussão sobre as atitudes e as percepções que jovens indígenas pertencentes à etnia Akwẽ-Xerente mantêm a respeito do *code-switching* e de outros fenômenos resultantes do contato linguístico. Para tanto, analisamos inicialmente a variação do CS e sua sensibilidade aos fatores linguísticos e extralinguísticos relevantes para essa comunidade de fala. Então, observamos como o fenômeno é percebido pelos jovens Xerente e algumas atitudes linguísticas que isso tem despertado.

Os Akwẽ, conforme denominam a si próprios, habitam duas terras indígenas análogas, situadas no estado do Tocantins, e são, em sua maioria, bilíngues em português e na língua indígena. As pesquisas de Mesquita (2009, 2015) sobre o comportamento linguístico dos Xerente têm evidenciado que a ocorrência de CS é sensível às variáveis sociais localmente estabelecidas, tais como faixa etária, ambiente (aldeia/cidade, por exemplo), participantes dos eventos de fala e tópico das interações.

Conforme alerta Braggio (2012), embora fenômenos como CS e empréstimos linguísticos sejam comuns em indivíduos e sociedades bilíngues – resultado da situação de contato linguístico –, a rapidez e a intensidade com que esses fenômenos têm ocorrido na língua xerente é um dado preocupante, na medida em que representa um indício de deslocamento linguístico. A esse respeito, o trabalho de Silva (2014) apresenta uma discussão sobre os usos e as atitudes de jovens Xerente, correlacionando seus dados com indícios de mudança e de manutenção linguística.

A partir dos estudos de Mesquita (2015) e Silva (2014), neste artigo, propomos um cruzamento entre os apontamentos das duas pesquisas, no intuito de analisar a percepção social sobre CS e, de modo mais amplo, sobre os empréstimos linguísticos. A consideração dos empréstimos na análise se justifica pela percepção que os próprios participantes da pesquisa possuem acerca desses fenômenos – empréstimos e CS são tratados como um *continuum* do mesmo fenômeno¹. Julgamos que uma abordagem êmica, que leve em conta a perspectiva dos sujeitos da pesquisa, é coerente com uma investigação que propõe a análise das percepções e avaliações sociais dos fenômenos linguísticos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A diferença entre as variedades da língua xerente utilizadas por falantes de diferentes grupos etários já foi observada em estudos anteriores (BRAGGIO, 2005, em relação aos aspectos fonético-fonológicos; MESQUITA, 2009; MESQUITA; BRAGGIO, 2012, em relação ao uso de empréstimos) e se confirma também quanto à variação no uso de CS em Mesquita (2015) e pela avaliação dos próprios Xerente em Silva (2014). Braggio (2005, 2009, 2012), inclusive, chama a atenção quanto ao não entendimento entre jovens e velhos, causado provavelmente pelo distanciamento entre essas variedades que, em nosso entendimento, é impulsionado pelo uso massivo e diversificado do CS e de empréstimos por parte dos mais jovens.

¹ Como se verá em seguida, no modelo Matrix Language Frame (MYERS-SCOTTON, 1993, 2002), aqui adotado, os fenômenos empréstimo e CS também são tratados como um *continuum* por seguirem as mesmas regras e estarem sujeitos aos mesmos procedimentos morfosintáticos.

O CS, de forma ampla, pode ocorrer de forma intersentencial (quando frases completas são alternadas e os diferentes sistemas gramaticais estão de acordo com as gramáticas das respectivas línguas em uso) e intrassentencial, ou seja, quando a alternância ocorre no meio das frases ou em parte delas (ver exemplos na seção 3). Esse último tipo interessa em especial aos estudos gramaticais do CS, pois permite observar mais detalhadamente a interação entre as gramáticas das línguas em contato e, desta forma, pode fornecer indícios sobre as motivações extralinguísticas atuantes sobre as configurações do CS.

Conforme o modelo *Matrix Language Frame Model* (MLF) (MYERS-SCOTTON, 1993, 2002), as línguas em contato no CS intrassentencial não desempenham papel equativo na cláusula bilingue, o que pressupõe uma assimetria entre elas de forma que uma das línguas, a mais abrangente estruturalmente, fornece o quadro gramatical abstrato no qual a outra é encaixada. A primeira é chamada *Matrix Language* (ML ou língua matriz) e a segunda, *Embedded Language* (EL ou língua encaixada). Nessa perspectiva, há a possibilidade de três tipos de constituintes: ilhas de ML (contendo apenas morfemas da ML), ilhas de EL (apenas morfemas da EL) e constituintes mistos, incluindo morfemas da ML e EL.

Análises sociolinguísticas (MYERS-SCOTTON, 1993; MESQUITA, 2015) apontam que a ML é, geralmente, a opção não marcada e coincide com a primeira língua (L1) dos falantes. No entanto, os mesmos estudos alertam que fatores sociopolíticos, educacionais, situacionais são relevantes e podem determinar, por exemplo, que a L1 dos falantes se converta em EL. Um desses fatores é faixa etária, como acontece no CS utilizado pelos AkwĒ Xerente (cf. seção seguinte). Embora não haja, *a priori*, a consciência, pelos próprios falantes, da complexidade e tipologia do CS (por motivos óbvios), o fenômeno é percebido e avaliado pelos indígenas.

Segundo Myers-Scotton (2006), todas as línguas e variedades linguísticas possuem “bagagens” sociopsicológicas, valores simbólicos atribuídos a elas, os quais são construídos a partir de conjuntos de valores e ideologias definidos sócio-historicamente. Na literatura sociolinguística, os estudos sobre atitudes linguísticas têm se dedicado a compreender os significados sociais subjacentes às estruturas e às escolhas linguísticas de indivíduos e grupos. Em termos gerais, as atitudes linguísticas referem-se às *avaliações subjetivas* que os falantes adquirem e expressam acerca das línguas/variedades, seus usos e seus falantes, e que podem ser ou positivas, indicando aceitação, ou negativas, indicando rechaço (cf. CALVET, 2002; LABOV, 2008; MYERS-SCOTTON, 2006).

Conforme Fishman (1998), em contextos marcados por assimetrias políticas, econômicas e ideológicas, a noção de pertencimento ao grupo minorizado geralmente está vinculada a sentimentos de inferioridade, discriminação e exclusão por parte do grupo majoritário, que busca reprimir e impor sua língua, costumes, ideologia etc. Em outras situações, por outro lado, os bilingues podem apresentar sentimentos de familiaridade, reconhecimento e cumplicidade com aqueles com os quais compartilham a mesma situação de contato. A esse respeito, Fishman apontou o papel da conscientização etnolinguística na consolidação de atitudes positivas para com as línguas minorizadas. A consciência etnolinguística está relacionada àquilo que o autor chama de *dimensão moral* da língua, no sentido de que a sua preservação, vista como a base da identidade étnica do grupo, passa a constituir uma obrigação moral, um *dever* de proteger, um ato de lealdade e solidariedade à língua étnica. A atitude, nesses casos, traduz-

-se como lealdade à língua e à identidade étnica do grupo ao qual o indivíduo sente pertencer (FISHMAN, 1998).

METODOLOGIA

No intuito de considerar a perspectiva dos sujeitos pesquisados, ou seja, as reflexões e avaliações dos jovens indígenas Xerente a respeito do CS, seguimos a abordagem etnográfica e interpretativista de pesquisa (SPRADLEY, 1980; MUÑOZ CRUZ, 2009). A adoção da etnografia enquanto procedimento investigativo constituiu um elemento-chave no desenvolvimento da pesquisa como um todo, na medida em que permitiu verificar empiricamente a produção de CS, assim como observar a forma como os jovens avaliam e percebem tal comportamento linguístico. Além disso, os dados gerados contaram com duas técnicas principais de pesquisa: 1. observação participante em contextos de interação natural e 2. entrevistas semiestruturadas e em profundidade. Por ser semiestruturada, a entrevista não era composta por perguntas ‘fechadas’, na medida em que permitia também que o participante discorresse sobre determinados assuntos de seu interesse. A ideia de estimular os participantes a refletir sobre um assunto relacionado ao tema pesquisado é pautada na técnica apresentada por Muñoz Cruz (2009) para a análise do discurso reflexivo. De acordo com o autor, discursos reflexivos sobre a realidade do conflito linguístico podem ser verificados tanto por meio da análise empírica dos momentos de interação com o grupo, como por meio de técnicas que incentivem narrativas de cunho pessoal, alcançando, assim, a dimensão subjetiva do conflito (MUÑOZ CRUZ, 2009).

A transcrição dos dados de CS segue a proposta ortográfica de Krieger e Krieger (1994) para o xerente e a ortografia padrão da língua portuguesa com aproximação à produção fônica. As faixas etárias consideradas foram: 1. +jovens (12 a 20 anos); 2. ±jovens (21 a 49 anos); e 3. +velhos (50 anos ou mais), seguindo assim a coerência com os estudos realizados anteriormente (BRAGGIO, 2005; MESQUITA, 2009, 2015) e com a própria organização sociocultural xerente. Os nomes utilizados são fictícios ou simplesmente representados por letras aleatórias. Todos os exemplos de CS e avaliação do fenômeno são extraídos, respectivamente, de Mesquita (2015) e Silva (2014).

ANÁLISE DOS DADOS

A variação no uso do code-switching quanto à variável “faixa etária”

Conforme Mesquita (2015), o CS é amplamente usado pelos falantes +jovens e ±jovens, não havendo distinção relevante na frequência de uso e variação quanto ao tipo de CS entre essas faixas. Um evento exemplificado no estudo compara as ocorrências de CS entre as duas faixas etárias (MESQUITA, 2015, p. 178-179). Participam ativamente do evento, que tem um tempo total de seis minutos e é realizado na aldeia, dois falantes +jovens (W e X) e dois ±jovens (S e K). Os assuntos giram em torno do cotidiano da aldeia. Os turnos têm distribuição relativamente equivalente entre os falantes (S e W com seis turnos, K com oito e X com 5 turnos). A frequência de CS também é distribuída, somando vinte e duas ocorrências. Os falantes S, K e W somam seis ocorrências cada e X, quatro *switches*. Fazendo uma comparação ampla, a média é de 1 CS para cada turno

de S e W e algo próximo disso para os demais (0,75 CS por turno para K e 0,8 para X).

Também não há variação relevante quanto ao tipo de CS entre os +jovens e ±jovens. Os exemplos abaixo mostram constituintes ML + EL (com ML_{xerente}) – Cf. (1) e (2) – e ilhas de EL_{português} – Cf. (3) e (4). Há, ainda, uma ocorrência de CS com ML_{português} de um falante +jovem, em (5).

1. S – nōkwa **viagi** wam wa māri stō kōdi.
“Na viagem ninguém dorme”.
2. W – akehu ktahi māt ware skunē **ōib**-di.
“Lá perto da (aldeia) Akehu, estragou o ônibus”.
3. K – kā(p)tō waitē... **não pois** geni nāt tākahā kakupsō ptokwai mā.
“Esse é meu... não pois a Geni que lavou para o pai”.
4. X – **brasí**(li) kâte **mais** ĩzau(wre) are.
“Brasília é maior, talvez” (*lit.*: Brasília talvez é mais grande).
5. W – **brasília mais que** t(ah)ã kâte, we?
“Brasília (é) mais que aquele talvez, não é?”

A distinção se dá efetivamente em relação aos falantes +velhos, que restringem as inserções de elementos do português a usos mais marcados e amplamente utilizados, que interpretamos como prováveis empréstimos.

Nos exemplos (6) e (7), dois homens conversam na varanda de uma casa, na aldeia. Um deles é um ancião com mais de 60 anos (K). O outro (S) tem quarenta e cinco anos (±jovem). No evento, com duração aproximada de 11 minutos, os dois fazem trocas de turnos constantes e falam sobre assuntos diversos, inclusive sobre a diferença de idade entre eles:

6. K₁ – wainē ai hēmba pari tehāto rowaiku mōn tōka.
“Quando ficar como eu você vai saber”.
S₁ – **intão você mim considera qui eu** wa (du)re waptemrê.
“Então você considera que eu ainda (sou) juvenzinho”.
K₂ – nanē?
“Como?”
S₂ – **você mim considera qui** watō (du)re waptemrê.
“Você considera que eu sou um juvenzinho ainda”.
K₃ – tō kraisi **considerá** nmē tet (wē) tanē ĩm kmā aimrēm.
“Você que se considera, que você está falando para mim”.

No evento completo, há apenas 11 ocorrências de CS (ou seja, todas as alternâncias entre xerente e português), número considerado baixo em relação a outros eventos com mesma duração, envolvendo falantes mais jovens e em ambiente semelhante. O Xerente ±jovem (S) faz sete *switches*, todos entre constituintes maiores ou intersentenciais, constituindo ilhas de ML português, como em (6). O falante mais idoso (K) faz quatro *switches*, todos constituintes ML + EL, com inserções unitárias, como em (6) e (7). Nessas duas ocorrências, a proposição, o CS é motivado pela repetição de termos previamente utilizados por S, como no exemplo:

7. S₁ – [faz um som com a boca, projetando a língua contra os dentes, indicando uma negativa] **fazê o quê? essas política!**
 K₁ – aim **política** wê kōd.
 “Você não gosta de política”.

Alguns eventos de fala, como os discursos dos anciãos (*wawê*), são linguisticamente marcados, inclusive com entoação e vocabulário específicos. Conhecidos como *romkrêptkâ* (TPÊKRU XERENTE, 2011), esses discursos ou falas rituais carregam marcas específicas para cada situação:

A importância de cada um desses discursos é que o início, ou seja, as introduções do discurso não são iguais como, por exemplo, o do casamento se inicia com a fala Mmĩ bār̄kã que quer dizer “veja só” já o da inicialização da festa a fala se inicia com “Tenharêê, tenharêê” que significa obrigada ou obrigado e da corrida de tora grande a fala se inicia com Hê kânê brza aimôwi que significa assim que vai ser (TPÊKRU XERENTE, 2011, p. 32).

Essa variedade da língua xerente destoa das demais também em relação ao uso do CS. Mesquita (2015), que analisou cinco discursos completos, não identificou o fenômeno. As inserções de termos do português se restringiram a cinco ocorrências, sendo uma delas (8) com referência à sigla FUNAI. As outras, (9) a (12), referem-se às conjunções adversativa “mas” e alternativa “ou”, que Mesquita (2015) analisa como prováveis empréstimos:

8. kmã inēm mnō **funai** nīpkra hawi...
 “Como eu andava da mão da FUNAI...”
9. **mais** aha dure rokmākwmã kunmê amō ihemba pibumã
 “Mas ainda vou fazer coisas lá para acontecer”.
10. **ou** tanê kōwa, sreni.
 “Ou então colocar”.
11. **mais** mări srurewa ĩba.
 “Mas coisa pequena não”.
12. **mais** aisim romādã.
 “Mas suas coisas (conhecimentos)”.

Atitudes em relação ao code-switching

Em geral, os dados obtidos nas entrevistas e nas observações dos participantes revelaram uma atitude negativa do grupo em relação à realização de CS. Para a análise dos resultados, consideramos as percepções dos participantes em relação não somente ao *code-switching*, como também em relação aos empréstimos linguísticos (MESQUITA, 2009). Embora os empréstimos não constituam tipos de CS, incluiremos tal fenômeno em nossa análise por considerar que ele se aproxima daquilo que os próprios participantes entendem como sendo um *code-switching*: mistura de códigos. Ou seja, se estamos tratando de atitudes linguísticas, levar em conta a concepção que os próprios participantes da pesquisa possuem do fenômeno pode trazer pistas das avaliações que fazem de seus usos linguísticos. Partimos do pressuposto de que os participantes não distinguem o que é CS

do que é empréstimo, mas que compreendem ambos como uma mesma prática de "misturar as línguas". Portanto, nossa análise parte da interpretação que os próprios participantes fazem do fenômeno, de forma que as atitudes se referem não ao CS ou ao empréstimo, mas ao que eles compreendem como *mistura de línguas*.

Tendo isso em conta, na ocasião das entrevistas, perguntamos aos participantes da pesquisa se conheciam algum Xerente que falava em português com outro Xerente. Em 100% dos casos, afirmava-se com ênfase que sim e que isso era, inclusive, algo muito comum na aldeia. Observe a resposta de uma participante de faixa etária +jovem no recorte abaixo:

13. P: Tem uns amigo seu que fala em português?

Sikadi: Tem uns que fala no colégio. "Bora ali jogar bola!", fala assim. Em português, sendo que nós somo índio. Tem uns que repara também, os índio. "Ah, esse cara aí ó, ele fala em português", sendo que não sabe falar em português.

P: E o que que acontece se um Xerente fala com você em português?

Sikadi: não senti muito né? Por que nós num somo branco, nós fala enrolado o português. Tem que falar indígena. Eu falo pra nós falar indígena. Índio com índio. Não, vamos falar akwĕ, vou falar assim. Tenho uns amigo que fala em português. Eu falo, "falar em português, sendo que nós somo índio, não pode, né?" (SILVA, 2014, p. 118).

No exemplo (13), a participante afirma conhecer colegas na escola que utilizam o português em situações informais com outros colegas Xerente, tais como os eventos que envolvem atividades como o jogo de futebol. O que se observa, no entanto, é que a afirmação de Sikadi possui um tom quase repreensivo: não se pode falar "em português, sendo que nós somo índio". Quando questionada o que acontece se um Xerente usa o português com ela, a resposta reflete um desconforto com a situação – "nóis num senti, né" – e, ao mesmo tempo, uma indignação com o comportamento do outro. Ser indígena significa ter que "falar indígena". O uso do português em situações de fala como a hora do intervalo ou o jogo de futebol é avaliado negativamente pela participante, para a qual "índio com índio" deve falar Akwĕ, caso contrário, nega-se a própria identidade Akwĕ. Uma atitude semelhante pode ser observada no exemplo a seguir, apresentado por um participante do sexo masculino e faixa etária +/- jovem:

14. Sirnawe: [...] Tem pessoas que já nasceu ali na, até mesmo ali na minha região, algumas pessoa que moram em Tocantínia que só fala em português, mesmo que tá ali pessoal da aldeia, aí tem vez que eles passa conversando em português, só que isso aí pra mim é assim, quer ser mais do que os outros, quer passar de todos e não quer ser índio, mas quando é uma coisa de precisão aí ela quer ser índio [...] Tem umas três famílias que moram aí na cidade, que eu vejo que, toda vez que eu vejo passando na cidade, a conversa, mesmo que tá com irmã, aí conversa em português, mas ela sabe falar em akwĕ, mas só que, não sei o que dá na hora na cabeça dela. Não sei se quer se mostrar, não sei se ela não quer se considerar como akwĕ, eu acho que sim, mas isso pra mim não é justo. Eu não concordo com ela (SILVA, 2014, p. 119-120).

A introdução do português em interações cotidianas é rechaçada por Sirnawe, que, assim como Sikadi, considera tal comportamento uma forma de negar a identidade indígena. O uso do português também é avaliado como uma tentativa de ser superior: “quer passar de todos” ou “quer se amostrar”. Assim, a opção pela língua de prestígio é avaliada como uma forma de inserir-se e identificar-se com o grupo de prestígio, falante de português. O participante deixa clara a sua discordância com esse tipo de comportamento linguístico, que para ele é injusto. Quebras na “regra de reciprocidade” levam, em geral, a reações de embaraço, visto que a escolha da outra língua indica uma vontade de maior *status*, portanto, de querer “se amostrar”, além de uma falta de solidariedade de grupo. Segundo Fishman (1998), em algumas comunidades étnicas minorizadas, a relação entre língua, identidade e etnicidade é percebida pelos seus membros como algo inseparável e intrínseco ao “ser” e ao “pertencer” àquele grupo étnico. Desse modo, usar o português implica romper o elo fundamental entre a língua xerente e o ser/pertencer Xerente (FISHMAN, 1998).

Portanto, a avaliação negativa que os Xerente fazem daquele que usa o português diz respeito não ao uso linguístico em si, mas vai além: enquanto signo indexical (MYERS-SCOTTON, 2006), a avaliação indica a afirmação ou negação da identidade de “ser Xerente”. Conforme lembra Myers-Scotton (2006), as escolhas linguísticas possuem motivações que vão além de fatores funcionais de uso, e que apontam para as relações interpessoais dos participantes. Segundo a autora, em situações de contato marcadas pela dominação política e econômica de uma sociedade sobre a outra, grupos minorizados que não querem se “assimilar” à sociedade e cultura dominante podem divergir do interlocutor falante dessa língua como uma estratégia criativa de resistência às pressões do grupo dominante e de afirmação de sua identidade étnica (MYERS-SCOTTON, 2006).

No que diz respeito à realização de CS intrassentencial, em suas pesquisas sociolinguísticas com os Xerente, Braggio (2009, 2012) tem afirmado a existência de um conflito intergeracional quanto à introdução do português na estrutura da língua indígena. Segundo a autora, é recorrente a reclamação dos +velhos de que os +jovens não estejam preocupados em manter a língua xerente. Por outro lado, os +jovens reclamam que a variedade usada pelos +velhos seja defasada e difícil de compreender (BRAGGIO, 2012). No exemplo de Silva (2014, p. 133-134), a seguir, a autora transcreve uma situação de conversa espontânea entre os participantes +jovens, na qual eles discutem e refletem sobre as diferenças entre a variedade usada pelos +jovens e a usada pelos +velhos. Na ocasião, a pesquisadora está reunida na sala com cinco jovens, assistindo a um filme na televisão, quando a discussão começou:

15. P: vocês não fala português entre vocês, né? Quando a gente tá no meio...

Waití: Mas mistura um pouco. *Mas fala um pouco, né, misturado.* Assim, a gente entende mais, assim, por isso, porque eles misturam.

Waikaro: Porque nós mistura. Porque...

Waití: O mais novo, acho que não sabe falar muito, assim, algumas coisas, né?

Waikaro: Os mais velho sabe mais falá do que os mais novo.

Waití: e o mais novo já inventa assim, outros tipo de fala, que os mais

velho... tipo assim, eu chegava lá em casa com um trabalho da escola pro meu pai me ajudá. Aí meu pai falava “não, isso aqui tá tudo errado, tudo errado”, porque o que eles fala é diferente do que os mais novo fala.

[Samuru “corrige” a pronúncia de Waití]: Aí ó. Ó o que tu falou, “Os mais velhos. Os mais velhos fala melhor do que os mais novo”. Não existe esse negócio.

Waikaro [respondendo a Samuru]: Pra mim existe.

Waití: Eles tipo abrevia. Se o novo falá que...o velho já acha estranho, né? Falar tipo abreviando alguma coisa.

Samuru: Ou tu fala “O velho mais melhor do que o novo”, ou...

Waití: Pra mim o mais massa é o que os mais velho fala.

Samuru: Agora, eu sei que o índio é muito inteligente. O índio é porque é curioso.

Waikaro: Duvido se tiver um véio bem aqui no meio aqui sentado e falando nossa língua, nenhum de vocês num entendia uma palavra. Alguns, mas ele não mistura não com o português. Só fala a nossa língua mesmo. Na do wawẽ².

Samuru: Pois é. Isso que eu queria perguntá. Por que que às vezes mistura? Tá falando, tá falando, aí mistura.

Waikaro: É o costume.

Waití: É porque fala o português, aí já mistura.

Samuru: Você nem tanto [se dirigindo a João], mas o tio Sobre mistura muito.

Waikaro: Porque ele é mestiço.

Samuru: mesmo assim.

Como se verifica no exemplo acima, ao perguntar sobre o uso exclusivo da língua indígena, Waití observa que, muitas vezes, os Xerente não usam somente a língua indígena entre eles, pois “mistura com o português”. Ela justifica a afirmação dizendo que é somente por isso, pelos índios introduzirem palavras do português na conversa, que ela consegue entender alguma coisa. Essa alegação é confirmada por Waikaro, que é falante de xerente: “porque nós mistura”. Em seguida, Waití e Waikaro comentam que são apenas os jovens que fazem essa “mistura”, pois os mais velhos sabem “fala mais do que o novo” e os jovens “tipo abrevia” a língua indígena. Além disso, quando comenta sobre seu tio que “mistura” muito, Samuru associa essa “mistura” ao fato dele ser “mestiço”, ou seja, de ter tido pais de etnias diferentes e provavelmente ter aprendido o português desde criança. Nesse sentido, existe uma noção de que os +velhos sabem “falar melhor” do que +jovens, na medida em que não “mistura com o português. Só fala na língua mesmo”.

Durante as entrevistas, ao questionarmos os participantes se eles percebiam diferenças na fala dos jovens com a dos +mais velhos, o grupo não só demonstrou estar consciente acerca dessas diferenças, como, em seguida, ao perguntarmos o que achavam disso, a maioria do grupo avaliou de forma negativa esse fato como, por exemplo, o que diz uma participante +jovem sobre isso:

2 Wawe: ancião da comunidade.

16. P: E você percebe que o xerente que você fala é diferente do xerente que o mais velho fala?

Romprê: É, eu acho que é diferente. Hoje é diferente, hoje em dia. Mas antigamente, as pessoa, os velho, os mais velho fala diferente como nós não. Nós tamo falando com o sotaque dos português agora né? Nós tamo deixando de falar as palavra de antigamente. Nós tamo deixando nossa cultura... quase toda as palavra, né? Nós tamo citando a palavra de português, né? Pra completar nossa palavra. Aí fica difícil pra nois se usar a palavra em português.

P: E você acha... o que você acha disso? Dos jovens estarem falando desse jeito?

Romprê: Eu sempre falo pros meus amigos, assim, não a gente se esforçar pro não-índio. Tem que usar a nossa língua e do passado, né? Perguntar os mais velhos, né? Pra falar melhor, como era no passado, né? Como é que se fala? Nossa culturo. Tem que se esforçar pra não perder nossa língua de antigamente (SILVA, 2014, p. 138).

Vemos que os empréstimos e o CS, referidos por ele como estarem “citando a palavra de português pra completar nossa palavra”, são vistos de forma negativa, já que “aí fica difícil pra nois se usar a palavra em português”. Assim, existe uma preocupação em manter e defender a língua e a cultura xerente. Isso pode ser percebido em frases como “não a gente se esforçar pro não-índio”, ou seja, se esforçar para não assimilar a língua e cultura do não índio, e “tem que se esforçar pra não perder nossa língua de antigamente”. Portanto, há um sentimento de lealdade (FISHMAN, 1998) para com a língua indígena, que é refletido em uma preocupação em manter a variedade usada pelos antepassados. Hipoteticamente, seria esta a variedade “intacta”, “pura”, livre das intromissões do português, isto é, de CS e de empréstimos. Essa posição é reiterada pelo participante do exemplo a seguir:

17. P: E você percebe que o jeito que você fala é diferente do jeito que os mais velhos falam?

Sirnãpte: Com certeza né. Por exemplo, o “mas” né, a gente coloca. Mas, isso aí a gente, se eu quiser falar só em xerente eu falo aqui, mas a gente mistura demais a língua de vocês quando a gente fala na nossa linguagem.

P: E o que você acha disso? De ficar misturando?

Sirnãpte: Eu acho que tinha que ter mudado né. Tinha que ter ensinado a nossa língua pros nossos filhos sem misturar, porque se eu falar bem aqui, falar em nossa língua, você entende com certeza alguma coisa porque eu to misturando. Mas o certo seria ensinar só da nossa língua mesmo, tipo o velho fala. Não sei se você já perguntou velho. Alguns também, não é todos não. Alguns tão falando que nem os jovens.

P: Ah eh? Tem uns velhos que falam que nem o jovem?

Sirnãpte: Eh, de hoje né... não sei dos antigos. Mas o certo seria falar só em xerente mesmo, sem misturar.

P: E quando cê ta conversando com outro xerente, cê conversa só em xerente?!

Sirnãpte: Ê, a gente tenta né, mas hoje em dia parece que vem aquela, tipo costume né, mesmo que a gente tenta conversar, mas hoje em dia sempre mistura alguma coisa (SILVA, 2014, p. 138-139).

O que Sirnãpte observa é o fato de os jovens estarem “misturando” as duas línguas, algo que ele exemplifica com um caso de CS intrassentencial, pela introdução do “mas”, um conectivo do português, em enunciações xerente. Além disso, ele avalia esse costume de modo negativo, pois “o certo é falar só em xerente mesmo, sem misturar”. A avaliação negativa de CS pode ser depreendida também quando ele diz que “tinha que ser ensinado a nossa língua pros nossos filhos sem misturar”. Um dos aspectos que chamam a atenção é que, embora os jovens rechem a entrada do português na língua xerente, ao mesmo tempo há uma consciência de que essa “mistura de línguas” acontece de modo involuntário:

18. P: E quando voce tá conversando com outro Xerente, você só usa a língua ou você às vezes usa o português?

Wainê: Às vezes usa, assim, igual uma coisa assim que eu tento procurar, mais quando eu quero falar, eu tô ligado que eu posso usar só a língua xerente, eu consigo falar, às vezes sem perceber, *sem querer entra no meio uma palavra*, você usa, acaba usando, não por querer, por vontade, mas tem gente que usa.

Para Wainê, uma jovem da faixa etária +jovem, mesmo que o falante não consiga controlar a entrada do português, que “às vezes, sem perceber, sem querer, entra no meio de uma palavra”, há um desejo de se usar somente a língua indígena. Ao mesmo tempo em que o uso de palavras do português pode marcar um maior prestígio social, pois, devido às pressões externas, ela é uma língua que traz *status* nas relações intergrupo, esse mesmo comportamento é condenado nas relações intragrupo, já que ele é visto como algo que “destrói a pureza” da língua étnica e, portanto, “fere” a obrigação moral para com a língua e identidade do grupo (FISHMAN, 1998). Nesse sentido, embora assumam “misturar” o xerente com o português, o uso massivo de empréstimos e de CS é avaliado negativamente por esses jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Fishman (1998), não são incomuns os casos de comunidades bilíngues em situação de minoria étnica que veem a introdução de elementos estrangeiros, tais como o *code-switching* e o empréstimo, como ameaças à “pureza” da língua. A preferência por usar a língua dominante ao invés da língua étnica em situações “desnecessárias” pode indicar, para essas comunidades, a não valorização da identidade étnica, algo que pode ser completamente rechaçado pelos membros do grupo. Entre os jovens Xerente, os discursos suscitados pelas entrevistas apontam para um sentimento de lealdade para com a língua e a identidade xerente, ou, nos termos de Fishman (1998), uma “obrigação”, um “dever moral” de proteger e resguardar sua língua e cultura, que é compartilhada por toda a comunidade. A partir dos discursos reflexivos desses jovens, arriscamos a hipótese de que há uma consciência etnolinguística a respeito das mudanças

verificadas na língua indígena e do papel que a introdução do português pode ter em seu deslocamento, o que pode ser verificado pelo forte discurso de preocupação em manter a “língua de antigamente” (SILVA, 2014, p. 138).

Embora os empréstimos diretos da língua portuguesa sejam algo recorrente entre os falantes jovens, sendo, inclusive, motivo de conflitos entre estes e os falantes mais velhos, que reclamam dos jovens não estarem mais falando a “língua”, os próprios jovens avaliam o uso dos empréstimos como uma negação dos costumes e da identidade Akwe. Na verdade, apesar de afirmar a importância de se falar “como antigamente” ou “como os velhos falam”, no que definem como “a palavra de antigamente” (SILVA, 2014, p. 138), os próprios participantes reconhecem que fazem uso do português ao falarem a língua indígena. Essas contradições percebidas nos discursos e comportamentos dos jovens somente refletem o contexto conflituoso em que vivem os Xerente. Assim, arriscamos dizer ainda que essa situação tem gerado conflitos no que diz respeito ao processo de identificação étnica desses jovens, resultando em crises identitárias, observáveis nos discursos contraditórios entre o que entendem como o “correto” a se fazer e o que, de fato, tem constituído seu comportamento linguístico.

Por fim, acreditamos que o amplo entendimento da atual situação sociolinguística dos Xerente, incluindo os padrões de variação e a percepção social dos indígenas sobre tal realidade, possa dar subsídios para as políticas linguísticas e a educação escolar indígena do povo Akwê. Além disso, os questionamentos e reflexões propostas neste estudo podem fomentar novas pesquisas e lançar luzes sobre os estudos da variação ao considerar fenômenos de contato como *code-switching* e empréstimos como possíveis novos indexadores sujeitos às variáveis sociolinguísticas historicamente consideradas.

“THE CORRECT IS TO SPEAK ONLY XERENTE, WITHOUT MIXING”: ATTITUDES OF YOUNG INDIGENOUS AKWÊ TOWARD CODE-SWITCHING

Abstract: This study is an analysis of the attitudes and perceptions that indigenous youth of Akwê-Xerente ethnicity have about the forms of Portuguese-Xerente language contact. Specifically, it discusses how the group evaluates the code-switching phenomenon. For the generation of data, techniques of semi-structured and in-depth interviews and participant observations in natural contexts of interaction were used. The results revealed a negative attitude of the group, both in relation to code-switching, and in relation to other language contact phenomena, such as loanwords. The rejection of the contact forms indicated feelings of solidarity and loyalty to the language and to the Akwê-Xerente ethnic identity.

Keywords: Evaluation. Contact phenomenon. Code-switching

REFERÊNCIAS

BRAGGIO, S. L. B. Revisitando a fonética/fonologia da língua Xerente Akwê: uma visão comparativa dos dados de Martius (1866) a Maybury-Lewis (1965) com os de Braggio (2004). *Revista Signótica*, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 251-273, 2005.

- BRAGGIO, S. L. B. Tipologias sociolinguísticas: as macrovariáveis e seu papel na desvitalização das línguas: a língua Xerente Akwĕ. In: BRAGGIO, S. B.; SOUSA FILHO, S. (Org.). *Línguas e culturas Macro-Jê*. Goiânia: Vieira, 2009. p. 79-102.
- BRAGGIO, S. L. B. As diferentes situações sociolinguísticas e os tipos dos empréstimos na adição do português ao xerente akwĕ: fatores positivos e negativos. *Revista LIAMES*, v. 12, p. 157-177, 2012.
- CALVET, J. L. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- FISHMAN, J. A. Language and ethnicity: the view from within. In: COULMAS, F. (Ed.). *The Handbook of Sociolinguistics*. Oxford: Blackwell Publishing, 1998.
- GROSJEAN, F. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MESQUITA, R. *Empréstimos do português em xerente akwĕ*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística)–Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.
- MESQUITA, R. *Code-switching em Akwĕ-Xerente/Português*. 2015. Tese (Doutorado em Letras e Linguística)–Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.
- MESQUITA, R.; BRAGGIO, S. L. B. Obsolescência linguística em Xerente Akwĕ: diglossia, empréstimo e codeswitching. *Revista Signótica*, v. 24, n. 2, p. 493-518, jul./dez. 2012.
- MUÑOZ CRUZ, H. *Reflexividad sociolinguística de hablantes de lenguas indígenas: concepciones y cambio sociocultural*. México, D. F.: UAM-I/Ediciones Delirio, 2009.
- MYERS-SCOTTON, C. *Duelling languages: grammatical structure in code-switching*. Oxford: Clarendon Press, 1993.
- MYERS-SCOTTON, C. *Contact Linguistics: bilingual encounters and grammatical outcomes*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- MYERS-SCOTTON, C. Ideologies and attitudes. In: MYERS-SCOTTON, C. *Multiple voices: an introduction to bilingualism*. Malden: Blackwell Publishing, 2006. p. 107-141.
- SILVA, J. I. *Entre conflitos e resistências: usos e atitudes linguísticas de jovens indígenas Akwĕ-Xerente*. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística)–Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.
- SPRADLEY, J. *Participant observation*. Fort Worth: harcourt brace College Publishers, 1980.
- TPÊKRU XERENTE, V. *Discurso dos velhos akwĕ xerente: Romkrêptkã*. 2011. Monografia (Licenciatura Intercultural)–Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

Recebido em maio de 2016.

Aprovado em julho de 2016.